



ARTIGO

A ESPANHA NA GRANDE EMIGRAÇÃO (1880-1930): OS MOTIVOS EXPULSORES

Renato Peterle Camargos

*Doutorando em História pela Universidade do Estado
do Rio de Janeiro*

Resumo

O presente artigo busca evidenciar o contexto do movimento emigratório espanhol no período da Grande Migração (1880-1930) apontando os motivos que condicionaram a saída de milhões de espanhóis para outros países. Para isso, se fundamenta em referências bibliográficas consolidadas no campo dos estudos da migração espanhola trazendo uma perspectiva sobre o recorte temático.

Palavras-chave: Migração; Política; Espanha

Abstract

The present article aims to highlight the context of the Spanish emigration movement during the Great Migration period (1880-1930), pointing out the reasons that led millions of Spaniards to leave for other countries. To do so, it is based on well-established bibliographic references in the field of Spanish migration studies, offering a perspective on this thematic focus.

Keywords: Migration; Politics; Spain



Introdução

Os principais motivos abordados para a emigração espanhola apontados na bibliografia aqui consultada são a crise que atingiu nos campos espanhóis seguida das pragas que atingiram as plantações, o contexto político e militar da época, as melhoras nas condições de viagem, o papel das agências e agentes de emigração e as cadeias migratórias. Esses fatores serão apresentados a seguir, começando pelo contexto que envolveu a crise nos campos.

Com a chegada das máquinas decorrentes da Revolução Industrial, ocorre a decadência das tradicionais manufaturas desempenhadas pelos camponeses espanhóis. Como forma de enfrentar essa situação, os camponeses tentaram estender a área cultivada, tentaram outros cultivos mais produtivos ou, até mesmo, diminuíram o período de pousio de um pedaço de terra.

Mesmo com essas tentativas, a crise no campo acabou sendo motivo direto da emigração das regiões espanholas da Galícia e da Catalunha, por exemplo. A partir da segunda metade do século XIX, a emigração para regiões dentro da Espanha buscando trabalho era inevitável. Porém, devido ao lento crescimento urbano da Espanha nesse momento, essas migrações internas tiveram um ritmo muito lento e tardio (ALONSO, 1995, p. 29), pois a nascente indústria espanhola não era capaz de absorver tal contingente de mão de obra. Vale reforçar que, nesse momento, segundo Maria da Orden, “mais de 60 por cento da população espanhola trabalhava no campo, uma situação que seguia se mantendo a princípios do século XX” (PALAZÓN FERRANDO apud ZAMORANO BLANCO, 2010, p. 60).

Como comparação, essa mesma relação entre mão de obra excedente e falta de dinamismo industrial no século XIX também se deu na Itália, causando, também, migrações internas nesse país, à exemplo da Espanha. No caso espanhol, “a emigração para o exterior surge, portanto, como a última solução para uma população rural que não pode mais aumentar sua renda por outros meios” (ALONSO, 1995, p. 27). De acordo com Blanca Sánchez Alonso,

En líneas generales, la emigración masiva española empezó timidamente alrededor de 1860. Creció hasta mediados de 1870 mientras que se produjo un descenso hasta 1887. En la década siguiente y hasta finales del siglo, la emigración aumento considerablemente hasta alcanzar casi 40 por cien del incremento natural de la población en esse período (ALONSO, 1995, p. 18).

Nesse momento, na Espanha, “o regime de propriedade, baseado no minifúndio ou latifúndio dependendo das regiões, atrasou a modernização da agricultura e foi um fator de expulsão da população, ao gerar desemprego agrícola” (ALONSO, 1995, p. 22). Assim, a baixa produtividade agrícola e a falta de dinamismo econômico das cidades acabam sendo motivos imediatos para a emigração dos espanhóis. Acrescenta-se que a crise econômica gerou fome, miséria e uma descrença entre os camponeses espanhóis de que a situação político-econômica poderia mudar, favorecendo a emigração. Dessa forma,

En concreto, la crisis agraria de finales del siglo XIX se ha señalado como una de las grandes espoletas del éxodo rural. El atraso agrario y el deterioro de las condiciones de vida campesina, junto con la falta de alternativas del sector urbano e industrial impulsaron sin duda la emigración exterior en un momento histórico favorable por las posibilidades que ofrecían los países receptores (ALONSO, 1995, p. 253-254).

A Espanha iniciou suas tentativas de industrialização no mesmo tempo que a Inglaterra, porém, na década de 1840 havia poucas indústrias e elas se concentravam na Catalunha no ramo da produção têxtil. Algumas décadas depois, a região do País Basco também emerge com indústria de metalurgia e de estaleiros. Acontece que essas novas fontes de trabalho que emergiram na Espanha do meio do século XIX causaram mais deslocamentos internos de camponeses e artesãos do que geraram empregos. Isso porque as fábricas recém-surgidas suplantaram muitas produções artesanais de outras regiões do reino espanhol, como exemplo, a mecanização da

lã da Catalunha, que representou “um golpe fatal para milhares de teares de toda a Espanha” (FARÍAS, 2010, p. 48).

Segundo Lucia Maria Paschoal Guimarães, a Espanha só conseguiu implantar sua indústria de base na década de 1880, sendo considerada como uma economia pré-industrial até 1873 (GUIMARÃES, 1997, p. 87). As remessas de dinheiro para a Espanha, realizadas por emigrantes que foram para outros países da Europa e norte da África a partir da década de 1890, no período entre 1891 a 1917, contribuíram para que a economia apresentasse “uma configuração de elementos de industrialização capitalista, acompanhada de medidas protecionistas em defesa da produção autóctone” (GUIMARÃES, 1997, p. 87), com exportação de vinhos na Catalunha, siderurgia e mecânica na região da Biscaia, norte de país, por exemplo.

A emigração espanhola é um movimento que se fez mais saliente no início do século XX. Segundo Blanca Alonso, principalmente nos anos anteriores da primeira guerra mundial (ALONSO, 1995, p. 7). A razão dessa concentração temporal do movimento no início do século, segundo Zamorano Blanco, visto pela perspectiva de longa duração, é que “a Espanha viveu entre 1880 e 1930, de certa forma tardia e às vezes peculiar, o mesmo que havia ocorrido no ocidente europeu mais desenvolvido algumas décadas antes” (ZAMORANO BLANCO, 2010, p. 42), sendo que, entre o período de 1882-1930, emigraram um total de 3.471.685 espanhóis (PALAZÓN FERRANDO, 1995, apud ZAMORANO BLANCO, 2010, p. 60).

Outro fator que envolve a crise nos campos e que foi determinante para a emigração não só na Espanha, mas em vários lugares da Europa da segunda metade do século XIX, foram os flagelos que atacaram as vinhas. Diversos lugares além da Espanha, como a região do Trento e como a França, também foram afetados. Chamada de “filoxera”, essa praga atacava tanto a folha da planta como suas raízes. E a Espanha não foi poupada dessa peste que atingiu, principalmente, o pequeno proprietário espanhol das regiões de Almeria, Granada e Málaga, sendo um fator determinante para a emigração constatada na Andaluzia (ALEGRE, 2014, p. 169-170).

Nesse momento, destaca-se que qualquer tipo de crise da agricultura como epidemias nas plantações, chuvas de granizo ou até mesmo as secas se tornavam fatores para ocasionar a expulsão dos menos favorecidos (MARTINEZ, 2000, p. 244). Reforçando os dizeres acima, Zamorano Blanco reflete que:

La transición económica y demográfica que se desarrollaba lentamente en España desde mediados del siglo XIX vino a agravarse en las últimas décadas del siglo con la llegada a España de la filoxera, que aniquiló las viñas francesas y españolas. La vid, tan extendida por la península por su adaptabilidad, facilidad de cultivo y buena salida comercial, transmitió su agonía a los cultivadores con rapidez. Para muchas familias, la pérdida de esa saneada fuente de ingresos fue la gota que colmó el vaso de la angustia económica, que forzó la decisión de migrar (ZAMORANO BLANCO, 2010, p. 44).

Outro motivo decisivo para a emigração espanhola do século XIX: o contexto político-militar de finais do século. Nas palavras de Marília Klaumann Cánovas, os anos finais do século XIX foram especialmente tumultuados (CÁNOVAS, 2011, p. 154). Afinal, em poucos meses, a Espanha perdia o que lhe restava das suas possessões coloniais: Filipinas, Porto Rico e Cuba, ocupada pelos Estados Unidos entre 1906 e 1909, e com os quais ainda enfrentava uma guerra. Essas perdas territoriais e a consequente crise financeira que o país enfrentou também representaram não só perdas materiais, mas também perda de prestígio perante os outros países europeus da época.

Durante o século XIX, a Espanha ficou marcada por conflitos bélicos e turbulências políticas. Como se não bastasse a invasão francesa feita por Napoleão e as guerras de independência da América espanhola do início do século, a Espanha também vai se envolver em conflitos no final do século, como a guerra contra Cuba, Filipinas e Marrocos, sendo que, nesses últimos confrontos, houve a obrigatoriedade dos jovens entre 17 e 25 anos se alistarem no serviço militar e, consequentemente, participar das batalhas.

Nesse momento, até mesmo militares da reserva foram convocados para guerrear em Cuba, como mostra o jornal capixaba “O Cachoeirano” (que mantinha contato com os jornais de Madrid), de 7 de abril de 1895: “o governo hespanhol chamou às armas 20.000 homens da reserva para substituírem os da activa que seguem para Cuba, onde consta terem os revoltosos obtido notavel treumpho”. Quatro meses passados dessa notícia, o mesmo jornal expõe que a situação em Cuba exigia mais militares espanhóis: “o governo hespanhol resolveu enviar ao marechal Martínez Campos, em setembro próximo, mais 30.000 homens de reforço, para suffocar a revolta da ilha de Cuba”, totalizando o efetivo de 180.000 militares espanhóis presentes em Cuba no ano de 1895, conforme o jornal. Segundo Elaine Veiga Porta, nesse momento de insanas convocações militares, deixar o país passou a ser a única maneira das famílias pobres evitarem que seus jovens fossem convocados para as guerras (PORTA, 2008, p. 45).

Assim, o medo das convocações militares realizadas pelo Estado espanhol no final do século XIX, por causa da perda das colônias americanas em 1898 (PROCHNOW, 2009, p. 72), foi um fator que forjou a saída de muitos espanhóis. Esse medo das convocações militares também era sentido principalmente pelos jovens espanhóis em idade militar que, para evitar o serviço militar de três anos, recorriam à emigração ilegal, o que também tinha consequências negativas para as famílias, pois perdiam importantes braços para ajudar no sustento, ficando, assim, privadas de importante mão-de-obra para os trabalhos (ALONSO, 2009, p. 22).

Completando os dizeres de Alonso, Lojo e Vázquez afirmam que o serviço militar foi um dos fatores importantes para expulsar moços galegos e andaluzes, por exemplo, pois suas famílias não tinham a quantia necessária para pagar a dispensa do serviço militar (LOJO, VÁSQUES, 2015, p. 58). Nesse momento, embarcar em uma aventureira emigração clandestina, era mais barato do que pagar as cotas suficientes para a isenção de serviço militar (ZAMORANO BLANCO, 2010, p. 47). Para exemplificar a situação, veja a

citação de Érica Sarmiento, que observou a relação entre alistamento e desertores em A Corunha

Em pesquisa realizada nos recenseamentos militares dos anos de 1901 a 1930, do concelho de Santa Comba (A Corunha), foram contabilizados 2.984 inscritos. Desse total, menos da metade compareceu para cumprir as obrigações militares, ou seja, 65,28% eram desertores (SARMIENTO DA SILVA, 2014, p. 143).

Outro aspecto estimulante para a emigração foi a melhora nas condições de viagem. Para Eric Hobsbawm, o avanço da industrialização e movimentos populacionais andam juntos pois o desenvolvimento econômico moderno propicia facilidade nos deslocamentos, “tornando-os tecnicamente baratos e mais simples através de comunicações novas e melhores, assim como evidentemente permite ao mundo manter uma população bem maior” (HOBBSBAWM, 1982, p. 203). De acordo com Jair Ramos, até a década de 1860, as viagens eram feitas em veleiros que transportavam cerca de cem ou duzentas pessoas, numa viagem que gastava de seis semanas a dois meses de duração entre Portugal e Brasil, por exemplo (RAMOS, 2006, p. 55). Porém, na segunda metade do século XIX, as redes ferroviárias se desenvolveram e o uso de navios a vapor se generalizou na Europa, permitindo viagens de mais longas distâncias de modo mais rápido, mais seguro e menos custoso.

Ruy Farias também corrobora com Eric Hobsbawm e Jair Ramos em relação às melhorias nas condições das viagens. Para ele, a chamada revolução dos transportes que ocorreu a partir da década de 1870 trouxe consigo a navegação a vapor, com navios que substituíram a vela pela propulsão a vapor, onde cascos de madeira foram substituídos por ferro e, depois, aço. Essas mudanças fizeram reduzir o tráfego no oceano Atlântico de três meses para um mês e, por vezes, em até oito ou dez dias, o que proporcionava, também, certo conforto psicológico devido à melhor segurança nos navios e mais animação para os passageiros em ter os dias de viagem reduzidos (FARÍAS, 2010, p. 49).

Junto a isso, somava-se a diminuição dos custos da viagem: em meados do século XIX se pagava trezentas ou quatrocentas pesetas para se ir da Espanha até Buenos Aires. Em 1913, essa passagem custava cerca de oitenta pesetas. Esses navios à vapor tinham seus custos encarecidos caso ficassem parados nos portos por muito tempo, por isso, as companhias de navegação que faziam os trajetos para a América se empenhavam em manter sempre os navios em movimento, viajando.

Com o avançar do movimento migratório, muitas companhias passaram a fazer o trajeto para a América de forma regular com datas marcadas, o que as levava a terem que obter determinado número de emigrantes para embarcar no navio para evitar que as viagens fossem feitas com poucas pessoas. Assim, essas companhias se envolvem na obtenção de passageiros, principalmente através das propagandas (RAMOS, 2006, p. 55-56) e, como as empresas necessitavam de um bom fluxo de passageiros, se fazia uma ativa propaganda a fim de evitar as más notícias que chegavam sobre as condições da emigração (BLANCO RODRÍGUEZ, 2008, p. 501).

Com a maior procura pela emigração, ocorre o aumento das agências de emigração. Essas agências se tornam responsáveis por vender passagens, orientar os emigrantes e realizar os trajetos da Espanha para a América. Para realizar essas atividades que incluíam a propaganda em regiões interioranas da Espanha, as agências contavam com os agentes locais de recrutamento, que também figuraram em diversos países europeus que estavam se tornando exportadores de mão de obra. No caso espanhol, esses agentes eram chamados de ganchos. De acordo com Marília Klaumann Cánovas,

esses agentes eram pessoas contratadas pelas companhias de navegação ou pelo governo dos países receptores para tentar persuadir possíveis emigrantes, facilitando a obtenção de documentos ou até mesmo a sua falsificação. Por vezes, os ganchos encareciam os preços das passagens e ofereciam empréstimos a juros elevados, sendo

que muitos possuíam pensões próximas aos portos de embarque (CÁNOVAS, 2007, p. 84).

Nesse cenário, os ganchos eram pessoas que atuavam nas vilas e nas cidades recrutando pessoas para emigrar. Eles eram responsáveis por vender passagens, ler cartas e respondê-las, além de indicarem um Éden muito promissor nas Américas, mesmo que falso, muitas vezes. De acordo com Elda González Martínez, que analisou o caso das emigrações realizadas no porto inglês de Gibraltar, esse era um período de explorações e amoralidades, cometidas, muitas vezes, até mesmo por policiais disfarçados (MARTÍNEZ, 2000, p. 243).

Os agentes de recrutamento para a emigração, muitas vezes, exageravam as possibilidades de emprego e ocultavam difíceis situações de trabalho no país de destino. Faziam isso porque “recebiam uma quantidade por emigrante conseguido” (ALONSO, 2009, p. 24). Os agentes se ocupavam dos trâmites da documentação necessária para o embarque, ocasiões de trabalho, obtenção da passagem e, às vezes, atuavam falsificando documentos também. Os agentes de recrutamento, frequentemente também, favoreciam a emigração clandestina, ajudando no embarque em portos estrangeiros como, Gibraltar, Lisboa, Marselha (ALONSO, 2009, p. 24), onde era mais fácil escapar das legislações espanholas que cercearam a emigração.

Essas atitudes usurpadoras dos ganchos fizeram com que o governo brasileiro instalasse, em 1896, em Málaga, uma cidade portuária da Andaluzia do sul da Espanha, de onde saíam muitos espanhóis para o Brasil, um Escritório Oficial de Inspeção, onde os comissários que realizavam as triagens “cuidavam para que não fossem (ainda mais) ludibriados pelos agentes contratadores ou ganchos” (CÁNOVAS, 2007, p. 84). Também conhecidos como “mediadores” ou “fiadores”, esses comissários também podiam atuar a serviço das políticas migratórias dos países receptores latino-americanos. De acordo com Alonso, seu trabalho também incluía relatar “condições de vida e de trabalho, embora nem sempre com veracidade” (ALONSO, 2009, p. 24). Por vezes,

com o mesmo objetivo, os comissários publicavam guias publicitários sobre o seu país, mas, devido ao baixo nível de alfabetização da população rural, as informações eram comunicadas principalmente de forma verbal.

A exemplo do que o Brasil fez em 1896, o governo argentino também abriu escritórios em Madrid e Barcelona, por exemplo, com a finalidade de evitar os abusos por parte dos ganchos, informar e atrair imigrantes para o país sulamericano, sendo que “até construíram um hotel para imigrantes em Buenos Aires onde o recém-chegado tinha direito à alimentação e alojamento por alguns dias, além de facilitar o transporte e a colocação de quem precisa” (ALONSO, 2009, p. 26).

Apesar desse aspecto de “usurpador” ou de “aproveitador” que os agentes de emigração recebem por parte da literatura aqui consultada para escrita, nem sempre se deve imputar aos agentes essas imagens de alguém disposto a prejudicar o emigrante. Nas palavras de Érica Sarmiento, a figura do agente de emigração, não necessariamente, tinha de estar associada a um explorador ou alguém “que só visava o lucro passando por cima da dignidade dos patrícios, podia ser uma pessoa que realizava um serviço, à custa de alguma garantia econômica, já que vivia disso” (SARMIENTO DA SILVA, 2006, p. 200).

Outro fator determinante para a emigração que fica saliente na bibliografia consultada para escrita dessa tese é o fator das cadeias migratórias. Nesse caso, a autora Blanca Sánchez Alonso reflete que, para se emigrar, não basta que o país apresente condições expulsoras da população, é necessário que haja conhecimento não só “das alternativas de destino possíveis, mas também das diferentes oportunidades que no campo profissional, econômico ou social fazem a emigração aparecer como uma alternativa razoável e desejável” (ALONSO, 1995, p. 267).

Zamorano Blanco explica que, para compreensão dos fluxos migratórios, não devemos entender a emigração como um ato individual, mas sim, como um desenvolvimento coletivo que se retroalimenta. Para o autor, “nenhum fluxo migratório regular é con-

cebível sem as cadeias migratórias, entendidas como redes que mobilizam informações, recursos econômicos e apoio moral” (ZAMORANO BLANCO, 2010, p. 49). Esse tipo de rede nas diversas mobilidades humanas tem sua relevância ressaltada também por Jorge Durand e Carmem Lussi:

A importância das redes em contexto migratório já foi muito explorada como uma categoria que ajudou e ajuda a explicar o fenômeno e as modalidades com as quais seus atores recriam soluções, desfrutaram possibilidades e (re)inventam percursos de sociabilidade, mobilidade e reelaboração identitária (DURAND, LUSSI, 2015, p. 51).

Alguns dos componentes das cadeias migratórias eram as cartas escritas por quem já emigrou relatando informações sobre o país de destino. Quem imigrava de volta, após passar um período no país de destino, também trazia informações. Assim, os parentes, amigos e vizinhos ficavam sabendo das melhores condições para conseguir melhor emprego, hospedagem e até o pagamento da passagem, por meio de vínculos formados, em geral, entre os próprios imigrantes. Nas palavras de Maria Ángeles Sullé Alonso

Os laços de parentesco, amizade e vizinhança entre quem saiu e quem ficou geraram abundantes informações, baixaram os custos da migração, aumentaram seus benefícios e mitigaram os riscos. Essas redes constituem um capital social essencial para o acesso aos mercados de trabalho fora da Espanha (ALONSO, 2009, p. 23).

Após abordar os principais fatores de expulsão que impulsionaram a Grande Migração europeia entre 1880 e 1930, é importante destacar que, a partir da década de 1940, o fluxo de imigração europeia para o Brasil caiu significativamente. Isso ocorreu porque, no cenário internacional do pós-Segunda Guerra Mundial, a recuperação econômica da Europa reduziu a necessidade de emigração, enquanto as economias latino-americanas, incluindo a brasileira, deixaram de ser tão atraentes para os migrantes. Dessa forma,

portugueses e espanhóis passaram a eleger os países europeus como seus destinos, fazendo reduzir drasticamente o fluxo migratório para o Brasil e para os países do cone-sul, por exemplo (LÁZARO, SARMIENTO, VICENTE, 2017, p. 120).

Referências bibliográficas

- ALEGRE, Silvia Elena. **O tráfico de andaluzes para o café**. Cafeicultores paulistas no negócio de atração e transporte de imigrantes (1886-1918). Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2014.
- ALONSO, M^a Ángeles Sullé. **La Emigración Española en América: historias y lecciones para el futuro**. Fundación Directa. 2009.
- ALONSO, Blanca Sánchez. **Las causas de la emigración española 1880-1930**. Alianza Editorial, 1995.
- BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.). **El asociacionismo en la emigración española a América**. Zamora: UNED Zamora/Junta de Castilla y León, 2008.
- BOTANA IGLESIAS, Rocío. **Passagem para a América: micro-história da emigração galega para o ultramar na segunda metade do século XX. O caso da região de Compostela**. Tese de doutoramento. Universidade de Santiago de Compostela, 2014.
- BLANCO RODRIGUEZ, Juan Andrés; DACOSTA, Arsenio. **Emigración y asociacionismo español en América**. In Portugal e as Migrações da Europa do Sul para a América do Sul. Fernando de Sousa, ed. p. 498-533. Oporto: CEPESE. 2014.
- CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. **A emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista: o caso de Villa Novaes, 1880-1930**. 2001. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Acesso em: 11 jan. 2021.
- CÁNOVAS, Marília Klaumann. Entre churros e viola caipira: os meandros da etnicidade na São Paulo das primeiras décadas do Novecentos. In: CARNEIRO, M. L. T. e HIRANO, S. (org.). **Histórias Migrantes. Um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas**. São Paulo. Humanitas. FAPESP. 2014.
- CÁNOVAS, Marília Klaumann. **Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana 1890-1922**, Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo: 2007.
- CÁNOVAS, Marília Klaumann. O imigrante espanhol, peregrino de paisagens imaginárias, e o movimento massivo para o Brasil. In: **Revista Interdisciplinaria sobre imaginarios sociales**. Santiago de Compostela, vol. 2, n^o 1, p. 148-172, 2011.
- CARREDAO, Juan B. Amores. **Historia de América**. Barcelona: Editora Ariel, 2006.
- CARRERO, Emilio Redondo. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial. España, Argentina Y El Cime (1946-1962)**. Tese de doutoramento. Universidad de Castilla-La Mancha. Madrid. 2016.
- DA ORDEN, Maria Liliana. **Inmigración española, familia y movilidad social en la Argentina moderna**. Una mirada desde Mar del Plata (1890-1930). Buenos Aires: Biblos, 2007.
- DEVOTO, Fernando. **Historia de la Inmigración en la Argentina**. Buenos Aires: Sudamericana. 2003.
- DIAS, Vanessa Martins. Emigração e Imigração Espanhola para o Brasil: Política, Demografia e Especificidades De Um Grupo Étnico. **Áskesis**. V. 6. N^o. 2. p. 24-35. jul./dez. 2017.
- DURAND, Jorge; LUSSI, Carmem. **Metodologia e teorias no estudo das migrações**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2015.
- FARÍAS, R. **La inmigración gallega en el sur del Gran Buenos Aires 1869-1960**. Santiago de Compostela. Tesis Doctoral. Universidad Santiago de Compostela, 720 p. 2010.
- GIL LAZARO, A.; VICENTE, María José Fernández. **Los discursos sobre la emigración española en perspectiva comparada**. Principios del siglo XX - principios del siglo XXI. Documentos de trabajo (IELAT, Instituto Universitario de Investigación en Estudios Latinoamericanos), 73, 1-38. 2015.
- GOMES, Ana Paula Conde. **Da emigração à diáspora galega: positividade de uma identidade**. Tese (doutorado em História, Política e Bens Culturais), FGV – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2011.
- GONZALEZ MARTINEZ, Elda. Los Españoles em um pais mas allá del oceano, Brasil. Notas acerca de las etapas de la emigracion. **Revista de Indias**. Vol. LII. N.º 195/196, p. 515-527. 1992. Disponível em: encurtador.com.br/ixEVW. Acesso em: 03 mar. 2021.
- GUIMARÃES, L. M. P. Breves reflexões sobre o problema da imigração urbana: o caso dos espanhóis no Rio de Janeiro (1880-1914). **Acervo**. V. 10. N. 2. p. 85-104, jul./dez. 1997.
- HOBSBAWM, Eric. **A era do capital**. Trad. Luciano Costa Neto. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- LOJO, Maria Xosé Vázquez; VÁSQUEZ, Raúl Soutelo. **Emprendedores reos en tempos duros**. A integración dos galegos en Venezuela e no Brasil durante o século XX. Espanha. Editores: Ourense, Deputación Provincial de Ourense, 2015.
- LÁZARO, Alicia Gil; SARMIENTO, Erica; VICENTE, Maria Jose Fernandez. **Migrações atlânticas no mundo contemporâneo (séculos XIX-XXI)**. Novas abordagens e avanços teóricos. 1ª ed. Editora: Prismas. Curitiba. 2017.
- MARTINS, Ismênia de Lima. Italianos, espanhóis e portugueses no quadro da grande imigração no Brasil. In José Jobson Arruda, Vera Lucia Amaral Ferlini, Maria Izilda Matos, Fernando de Sousa. **De colonos a Imigrantes, I(E)migração portuguesa para o Brasil**. São Paulo: Editora Alameda, 2013.
- MARTINS, José de Souza. **A imigração espanhola para o Brasil e a formação da força de trabalho na economia cafeeira: 1880-1930**. R. História, São Paulo, n. 121, p. 5-26, ago./dez. 1989.
- MARTINS, José de Souza. **O Cativo da Terra**. São Paulo. Hucitec, 1986.
- MARTINEZ, Elda Evangelista González. O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis. In FAUSTO, Boris (Org.) **Fazer a América**. São Paulo: Edusp, 2000.

PALAZÓN FERRANDO, Salvador. **Capital humano español y desarrollo latinoamericano**. 1995.

PÉREZ, Francisco Contreras. Los destinos de la emigración a América tras la Independencia: una perspectiva regional comparada (1830-1870). In: ROMERO, Juan Manuel Valiente et al. (Org.). **Migraciones Iberoamericanas: las migraciones España-Brasil**. Huelva; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PÉREZ, Fuentes Hernández, Pilar; Pérez Pérez, José Antonio; Sallé Alonso, M^a Ángeles. **Memorias de la emigración española a América**, Fundación Directa – Ministerio de Trabajo e Inmigración, Madrid. 2009.

PORTA, Eliane Veiga. **Imigrantes Espanhóis em Santos, 1880-1920**. Tese de doutorado, 2008. USP.

PROCHNOW, Lucas Neves. **Memórias, narrativas e história: a imigração espanhola recente em Porto Alegre**. 2009. 158 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

RAMOS, Jair de Souza. **O poder de domar do fraco**. Rio de Janeiro: EDUFF, 2006.

REDONDO CARERO, Emilio. **Las Migraciones Transoceánicas en la Posguerra Mundial**. España, Argentina y el íme (1946-1962). Tesis Doctoral. Facultad de Letras de Ciudad Real. Departamento de Historia. Universidad de Castilla-la Mancha. Madrid. 2016.

SARMIENTO DA SILVA, Érica. **Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Geografia e Historia, USC, Santiago de Compostela, Espanha, 2006.

SARMIENTO DA SILVA, Érica. Nos caminhos da imigração: sociedade de origem, estratégias de sobrevivência e identidade dos galegos (século XIX a 1930). In: CARNEIRO, M. L. T. e HIRANO, S. (org.). **Histórias Migrantes. Um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas**. São Paulo. Humanitas. FAPESP. 2014.

SARMIENTO, Érica; FARIAS, Ruy. **Novos olhares sobre a imigração ibérica em América Latina (séculos XIX e XX)**. Volume I. Organizado por Érica Sarmiento e Ruy Farías. Niterói, RJ: Universo, 2011.

SARMIENTO, Érica; FARIAS, Ruy. **Novos olhares sobre a imigração ibérica em América Latina (séculos XIX e XX)**. Volume II. Organizado por Érica Sarmiento e Ruy Farías. Niterói, RJ: Universo, 2011.

SEIXAS, Xosé Manoel Núñez. A historiografia das migrações ultramarinas espanholas: Uma visão global. Maracanan, 6, 2010, pp. 11-45.

SILVA, M. Imigração no Brasil: O Caso dos Espanhóis na Grande Imigração. **Revista de Trabalhos Acadêmicos-Campus Niterói**, América do Norte, mar. 2016. Disponível em: <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=1retaz&page=article&op=view&path%5B%5D=2599&path%5B%5D=1654>. Acesso em: 23 de setembro de 2023.

SILVA. Érica Sarmiento da. A “não democracia” dos excluídos. Alguns pontos da política imigratória brasileira. **Logos 27**: Mídia e Democracia. Ano 14, 2. Semestre. p.141-148. 2007.

VICENTE, María José Fernández. **De la tragedia de Saida al drama del Heliópolis**. el “problema migratorio” en España (1881-1907). Almudena Delgado Larios. Conflictos y cicatrices: fronteras y migraciones en el mundo hispánico, Dykinson, p. 247-271, 2014.

VILAÇA, Adilson. **Carminda: A Garota que derrotou a lepra**. 1. ed. São Paulo: CHIADO, 2016.

VILAR, Juan B. BELADELL, C.; GÓMEZ FAYRÉN, J.; EGEA BRUNO, P. M^a. **Las emigraciones murcianas contemporáneas**. Murcia: Universidad de Murcia. 1999.

WEBER, Regina, “Espanhóis no Sul do Brasil: diversidade e identidade”, **História: Questões & Debates**, Curitiba, n.º 56, jan./jun. 2012, p. 137-157.

YANEZ GALLARDO, Cesar. **La emigración española à América (siglos XIX-XX) dimensión y características cuantitativas**. Fundación Archivo de Indianos, 1994.

ZAMORANO BLANCO, Vitor D. **De agentes del progreso a elementos del desorden: inmigrantes españoles y exclusión social en Río de Janeiro (1880-1930)**. Tese (Doutorado em História). Facultad de Geografía e Historia Departamento de Historia Medieval, Moderna y Contemporánea Programa de doctorado “Fundamentos de la Investigación Histórica”. Universidad De Salamanca. Salamanca. 2010.

